

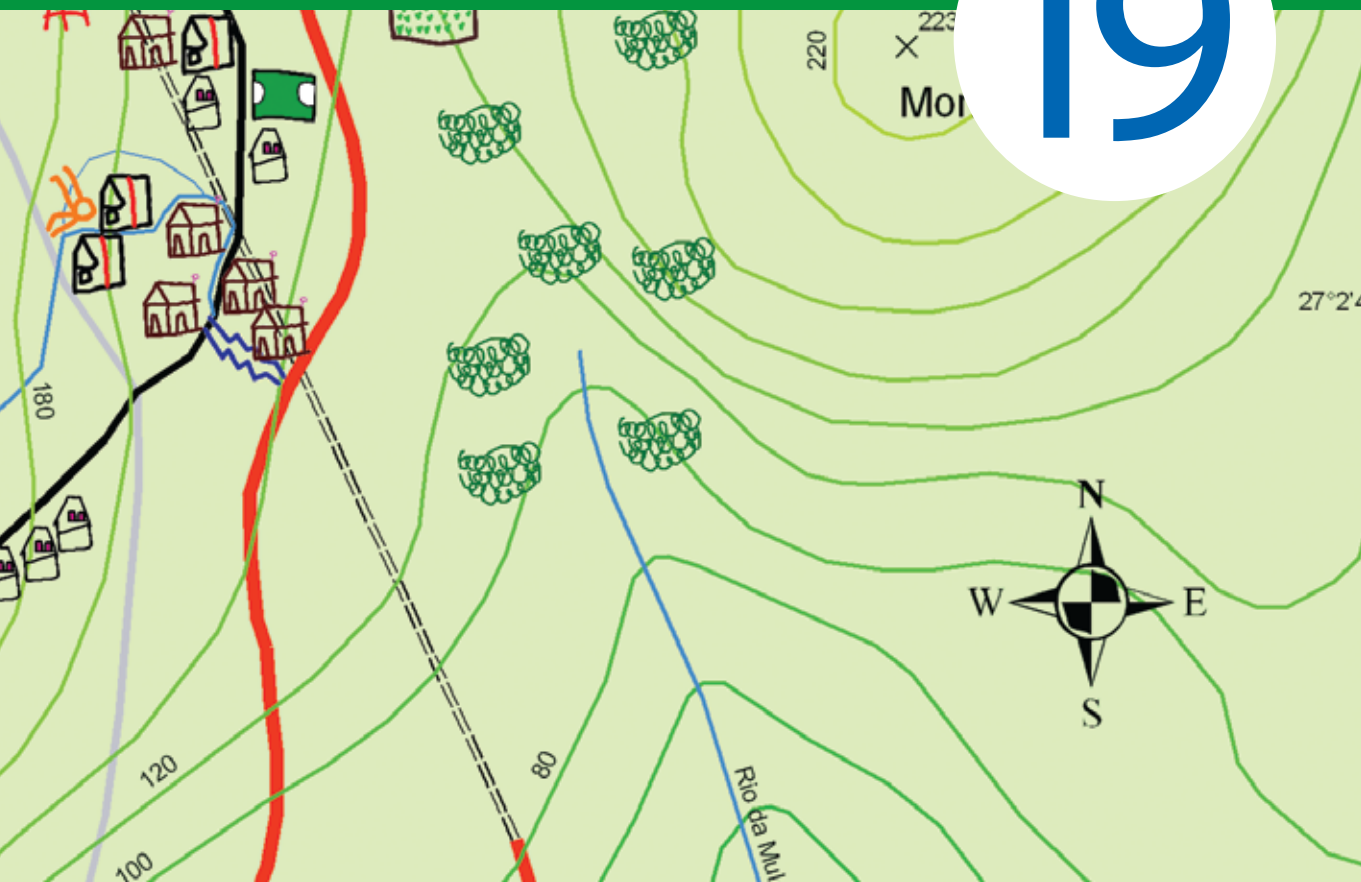
Associação Quilombola do Morro do Boi



Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil

Quilombolas do Morro do Boi Santa Catarina

19





ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DO MORRO DO BOI

Presidente Sueli Marlete Leodoro
 Vice presidente Almiro Leodoro Filho
 Secretário Acácio Siqueira
 Vice secretário Reginalda Leodoro Fidel
 Tesoureiro Altair Almiro Leodoro
 Vice tesoureiro Eliete Almiro Leodoro
 Conselho Fiscal Laurete Leodoro, Stefania Leodoro
 Margarida Jorge Leodoro, Zarúbia Leodoro Fidel

Coordenador do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
 (NCSA-CESTU/UEA, PPGAS-UFAM, CNPq)

Coordenação (NUER)

Ilka Boaventura Leite (UFSC/NUER)
 Raquel Mombelli (PNCS/NUER)

Equipe da pesquisa

Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UNAMAZ-NAEA/UFPA)
 Ana Elisa Ribeiro de Souza Schlickmann (UNIVALI)
 Márcia de Moura Irigonhê (UFSC/Antropologia/NUER)
 Paulo Zanin (UFSC/Geografia)
 Raquel Mombelli (PNCS/NUER)
 Ruben Bentes de A. Oliveira (UFSC/Física)

Fotos

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Cartografia e mapas

Rosa Elizabeth Acevedo Marin
 Bruno H. S. Toledo (Laboratório de Cartografia PNCS Guarapuava, PR)
 Érwil Becker Marques

Edição

Rosa Acevedo Marin e Raquel Mombelli

Participantes na Oficina

Carina Catiana Foppa (UNIVALI)
 Julio S. da Cunha (Movimento dos Moradores
 e Amigos da APA Costa Brava)

Projeto gráfico e editoração

Ernandes Fernandes/Design Casa 8

Participantes na Oficina realizada na casa de Dona Margarida Jorge Leodoro: Acácio Siqueira, Sueli Marlete Leodoro, Margarida Jorge Leodoro, Michelle Ledoro, Gervásia Mateus da Penha Candido, Laurete Almiro Leodoro, Eliete Almiro Leodoro, Altair Almiro Leodoro.

O povoado Morro do Boi está localizado a 82 km de Florianópolis e a 6 km da sede do Município Balneário Camboriú, à margem esquerda da BR-101. A construção dessa via e do túnel intensificaram mudanças na vida social e econômica do grupo. Em abril de 2009, iniciaram-se contatos com os quilombolas do Morro do Boi com objetivo de realizar exercícios de autcartografia, como apoio para refletir questões internas e externas que provocam conflitos em torno da terra. A relação foi mediada pela equipe do NUER e por Ana Elisa Ribeiro de Souza Schlickmann (UNIVALI). Em 8 de maio, ocorreu a primeira visita, na ocasião que recebiam uma equipe da Telefurb – Televisão da UNIVALI. A entrevista coletiva teve a participação do professor José Severino (UNIVALI) e permitiu reunir os primeiros registros sobre as situações sociais e as experiências vivenciadas. Nessa reunião, os quilombolas confirmaram o interesse nas oficinas de mapeamento social. No dia 24 de maio de 2009, realizou-se a primeira oficina de cartografia e nesta participaram dois representantes do Movimento dos Moradores e Amigos da APA Costa Brava, organização com a qual a Associação Quilombola Morro do Boi mantém diálogos e unidade de interesse no propósito de preservar este ambiente face à especulação desenfreada que se projeta desde Camboriú.

CONTATO

Associação Quilombola do Morro do Boi
 Rua Almiro Leodoro BR-101 km 140
 Bairro Nova Esperança
 88330-000 Balneário Camboriú SC
 quilombomorrodoboi@gmail.com

N935 Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil: Quilombolas do Morro do Boi Santa Catarina / Organizadores: Alfredo Wagner Berno de Almeida... [et a.]. – Manaus : Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia/UEA Edições, 2011

12 p. : il. ; 25cm. (Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil ; 19)
 ISBN 978-85-7883-176-9

1. Comunidade Quilombola – Santa Catarina I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Série.

CDU 301.185.2(816.4)

Morro do Boi antes da abertura da BR-101

“Morro do Boi tinha muita plantação de café, mas o café ficou doente e as pessoas sem trabalho pra fazer começaram a sair. Uns foram para o Rio de Janeiro. Meu pai se chamava Almiro Leodoro. Ele nasceu em Morro do Boi, em 1930. Foi ele que contava da queda do café. Todos aqui plantavam muito café, arroz, banana.” Sr. Altair Almiro Leodoro

“Na minha infância os nossos pais plantavam milho, feijão, mandioca e muito antes eles trabalhavam no corte do cafezal. Meu sogro colocava cafezal.” Sra. Sueli Marlete Leodoro

“O nome de Morro do Boi é porque aqui era um caminho de bois na direção de Camboriú.” Sr. Altair Almiro Leodoro

“Queremos fazer o fascículo para nossa demarcação, para a gente reconhecer nosso território”.

O trabalho por conta própria

“Não, não tinha escravidão em Morro do Boi. Os escravos que tinha era para Itajaí. Os escravos não, que já não éramos escravos. O trabalho era por conta próprio.” Sra. Margarida Jorge Leodoro

“Quem comandava aqui era Ana Garcia, ela que tinha escravos. O tio da minha mãe tinha um terreno que Ana Garcia deixou para ele.”

“Entende, nós não pegamos a escravidão. Nós falamos o que eles contaram, meu pai, meu tio que falavam dos mais antigos. Essa era conversa na roda do engenho, quando fazíamos a roda de mandioca, que eles contavam. Havia um mais antigo, ele viveu nos últimos anos da escravidão. Ele morreu antes da BR-101 ser cortada. Ele era quem mais sabia.”

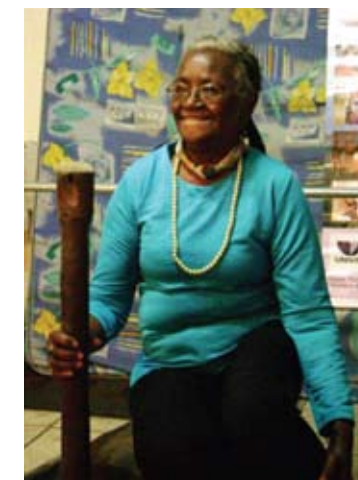
“Balneário tem 46 anos e isto todo era Camboriú.” Sr. Altair Almiro Leodoro

“Eu vim aqui quando casei com idade de 25 anos. Morro do Boi tinha pouca gente, pois muitos negros já tinham ido embora.” Sra. Margarida Jorge Leodoro

Formas de vida em Morro do Boi

“Meu marido e eu plantávamos fumo. Criamos dez filhos. Assim, era vida pobre, vendíamos. Meu marido trabalhou muito com fumo. Não tinha estrada. Tudo era carregado na carroça. O caminho para Camboriú era pego no Pinhal. Ocorre que muitas vezes o fumo mofava. Nós não tinha muita escolha. Tínhamos engenho de farinha que era para o gasto. Pagavam a farinha muito baixo. Comprávamos peixe na praia quando não íamos pescar. Fazíamos a rosca de massa, curujá do polvilho. Isso era feito no forno.” Sra. Margarida Jorge Leodoro

“Aqui era trabalhar na roça ou trabalhar na pedreira. Eu quando era criança ia todos os dias a pé para a escola e terminei minha escola primária. Meu pai me inscreveu na escola, não havia essa estrada. Eu ia na escola de Camboriú.”



Sra. Margarida Jorge Leodoro, conhecida por Guida, matriarca de Morro do Boi, sentada no pilão herdado explica a técnica de uso e canta as músicas de trabalho apreendidas dos seus ancestrais. Nasceu em Camboriú

“Antes era trabalhar na roça, ou trabalho de pedreira. Eu ia no centro de Balneário a trabalhar. Todos os dias eu ia a pé.” **Sr. Altair Almiro Leodoro**

“Porque antes era só negro e agora entrou branco, esse que casou com minha sobrinha. Ela mora acima de minha casa; ali moram minhas sobrinhas, elas casaram com branco.”

“Em Morro do Boi vivem 18 famílias que pertencem a dois troncos: Leodoro e Siqueira. Esse número está aumentando. Agora vai mudar meu filho para Morro do Boi.” **Sra. Margarida Jorge Leodoro**

Vida e trabalho dos quilombolas do Morro do Boi

“As pessoas deixaram de trabalhar na roça, porque não dava lucro e tinha que sustentar os filhos. Começaram a trabalhar de pedreiro no Balneário. Eu também tive que sair pra poder estudar. A minha mãe era cega de uma vista, ela também parou de trabalhar na roça porque ficou só a mãe e a rapaziada! Aí se acabou com o engenho também, porque já não tinha ninguém pra trabalhar no engenho, cuidar dos engenho; essas coisas porque trabalhava a semana toda fora, aí vinha o sábado meio dia... ia pra roça pra derrubar, almoçar!”

“Cortava a pedra! Vendia pro pessoal em Camboriu Blumenau, Florianópolis, Curitiba. Na maioria das pedras ia pra Curitiba pra calçamento em Curitiba! Carreta e mais carreta daqui pra Curitiba! Depois, a fiscalização bateu, proibiu. O Ibama bateu em cima e dizia que tava desmatando demais não por causa de nós daqui né! Mas por causa da barra lá em baixo, por causa depois que eles começaram esse negócio do Periférico, por causa dos turistas começaram! O prefeito achou que tava descascando muito o morro; desmatando; por causa de que os turistas iam ficar reclamando! Aí bateu a fiscalização e acabou, até hoje é proibido corta pedra aqui em cima!”

Nós trabalhava por conta própria! Todos esses que eles trabalham hoje em dia aí trabalham na pedra trabalham por conta própria! Então, muitos pagam INPS. Só não vou pagar INPS porque eu parei de trabalhar de corta pedra; parei de trabalhar empregado não paguei mais INPS! Trabalhava na pedra, mas não pagava INPS!

É porque eu trabalhava três, quatro anos, depois saía e ia trabalhar de empregado fora. Quando eu enjoava de trabalhar empregado fora, eu cortava pedra de novo! Então, eu não tenho uma base assim! Só eu e meu irmão que morreu. Esse que tá trabalhou na pedra também uns tempo, os meus primos ali na frente também trabalhou na pedra, trabalharam na pedra ainda! ... Eu trabalhei entre sai e volta eu devo ter trabalhado uns 14, 15 anos na pedra. Sabe, que eu comecei trabalhar corta pedra com uns 14 anos, com uns 15 anos!” **Sr. Altair Almiro Leodoro**

“Aqui o pessoal trabalha em Balneário. A Regina trabalha no hospital, Sueli em uma casa, as outras meninas em hotel. Os homens é na construção. E todo mundo faz as Abayomi e quando sai leva pra vender.” **Sra. Margarida Jorge Leodoro**

Atingidos pela construção e duplicação da BR-101 e pelo Túnel

A abertura da Rodovia BR-101¹ significou a destruição dos cafezais e de outros cultivos que estavam nas terras atravessadas pela estrada. A alternativa para o grupo foi deslocar-se para a margem esquerda da rodovia.

1 A rodovia “BR-101” estava inserida no Plano Rodoviário Nacional elaborado no governo do Presidente Juscelino Kubitschek, como parte da reformulação do sistema viário do Brasil com vistas a promover a chamada “integração nacional”. Com uma extensão de 4.542 Km foi traçada ao longo do litoral brasileiro entre as cidades de Touros no Rio Grande do Norte e São José do Norte, no Rio Grande do Sul. Esta rodovia chegou em Santa Catarina no final da década de 50 e o primeiro trecho construído foi no Norte do Estado, entre Garuva, na divisa com o Paraná, e a Grande Florianópolis. Entre 1958 e 1962 realizou-se a pavimentação. Neste trecho norte foram invisibilizados os extratores, agricultores. No trecho sul as obras iniciaram em 1963 e foi completada a pavimentação asfáltica em 1970, atingindo as terras dos Guarani.

“Tem que atravessar a BR é vir até aqui. Que a BR passa por... aqui a BR!. Aqui nós tínhamos café! A BR acabou com o café! Aqui nos passemos da BR pra cima que é daqui pra traz....!” **Sr. Altair Almiro Leodoro**

“Nós plantava mandioca, milho, feijão! Do morro da casa da mãe do morro pra cima, todo! A plantação era todo o terreno! Milho, feijão, arroz, mandioca.” **Sra. Gervásia Mateus da Penha Candido**

“Como a BR passou lá eles trouxeram e pegaram aqui, passa aqui na frente da casa! Que aqui descia pela BR, como eles tiraram da BR passava aqui. Lá em baixo pra fazer o contorno pra vim pra cá! Um pouco mais fraco, o antigo curso do rio! Porque aí era o antigo curso do rio... Eles passaram a BR aí nos fundos da casa pra passar aqui na frente, que é onde fica a escadinha...”

Aí eles mudaram pra cá, mudaram pra um curso; o qual agora é... Essa aqui é a cachoeira, desse aqui, atravessa o asfalto e desemboca lá em baixo no mato, aí! Porque antigamente ela passava aqui ó, ela passava por lá! Lá até lá pra fazer o contorno!” **Sr. Altair Almiro Leodoro**

A duplicação da BR-101 e a construção do Túnel do Morro do Boi provocaram novos impactos na vida das famílias, desde as perturbações durante a construção como as casas rachadas, as mudanças no rio, até aceleração do interesse pelas terras do Morro do Boi, que influencia na posição de algumas pessoas querendo vender e sair.

“O túnel atrapalhou muito porque a gente teve que vir morar aqui no engenho que derrubou a nossa casa pra fazer essa valeta pra água passar... tiveram que demolir a casa porque quebrou a casa toda! Ali um pouquinho pra lá daquela casa que tem ali do lado!”

“Ali era a nossa casa e com o fogo que fizeram derrubaram a casa, aí foi o jeito ir morar no engenho! O engenho ficava aqui atrás! Aí depois quando fizeram essa casa que tava ali do lado eu voltei morar aí! Aí por causa das minhas irmãs que eram solteiras. Depois, as minhas irmãs moravam tudo junto, porque eram solteiras, depois a caçula se casou e a mais velha... A minha tia morava no Rio de Janeiro; a minha outra tia morava ali onde mora a filha dela ainda! Mas foi que depois construíram outra casa.

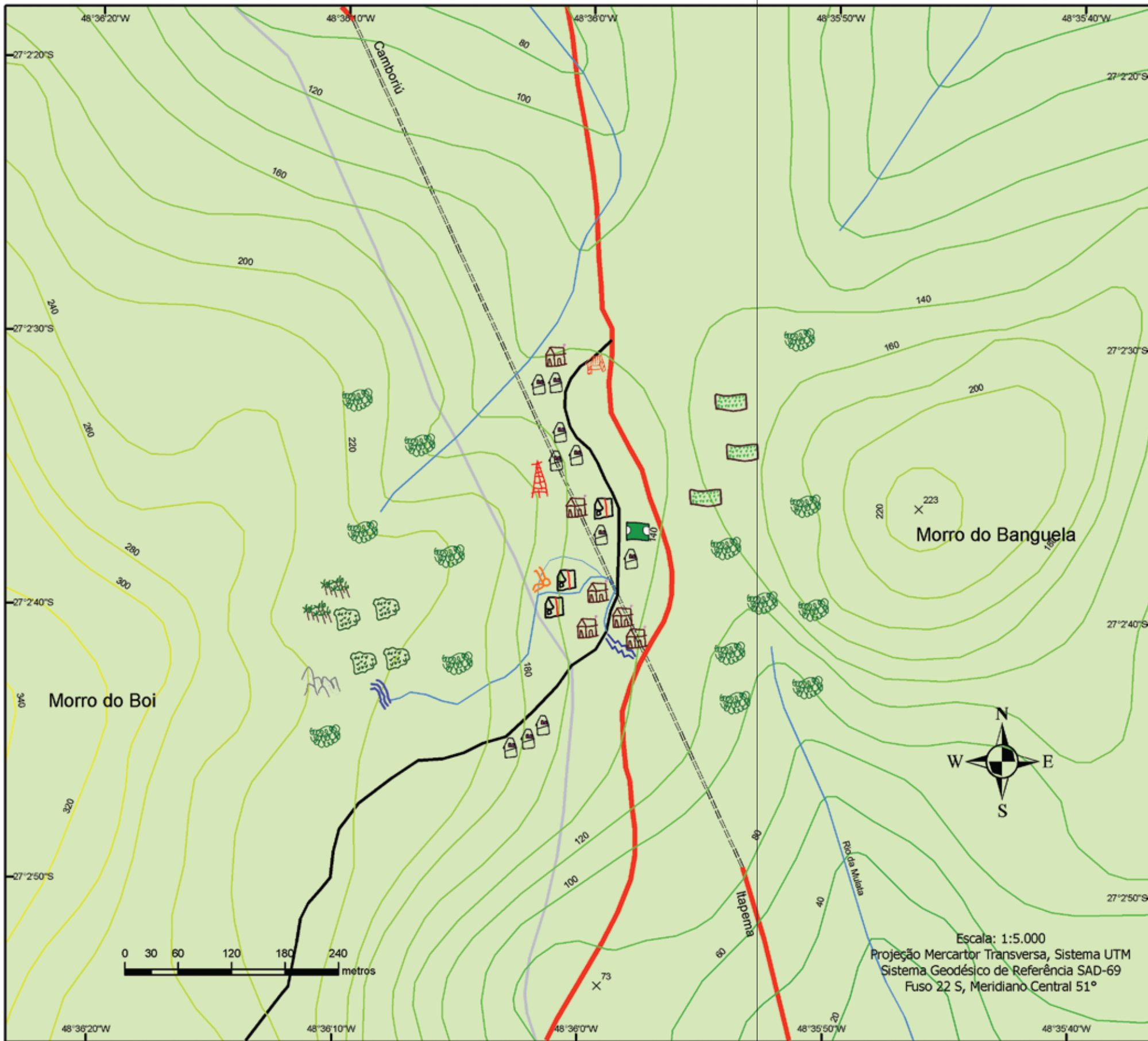
“Foi mudado o curso do rio, porque vieram também outros rios que nasciam aqui! Porque o rio dessa cachoeira não nasce aqui ela nasce atrás lá atrás! Ela não tem nome! Mas nunca teve nome, então ela passava lá onde era o campinho; ela passava antigamente lá, aí mudaram pra cá, num dava pra descer por aqui quando fizeram a BR-101, aí mudaram! Ela passava onde ‘tá o campo de futebol? cortava.... é onde passava a cachoeira, cortaram e encanaram

As obras de duplicação da BR-101 no trecho Norte foram empreendidas na década de 90, quando foi decidida a construção do Túnel do Morro do Boi, na rodovia federal BR-101, entre Itapema e Balneário Camboriú. A empresa responsável por esse trecho foi o consórcio formado entre a Camargo Correa, a Andrade Gutierrez e a OAS. O custo da obra foi estimado em R\$ 30,3 milhões. A escavação do Túnel começou em agosto de 1997; este mede 1.007 metros com 14,4 de largura e 9,45 de altura. Os quilombolas do Morro do Boi não foram consultados sobre estas duas obras.



Sr. Altair Almiro Leodoro explica: “Nasci aqui, toda minha vida aqui. Tenho 52 anos”. “Com 14 anos comecei a cortar pedra”. Filho de Almiro Leodoro e Margarida Jorge Leodoro.





Quilombolas do Morro do Boi

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

Laboratório de Guarapuava, 2010

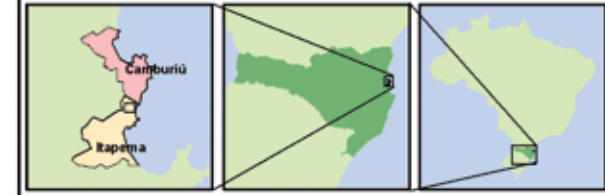
Elaboração:

Associação Quilombola do Morro do Boi

Cartografia:

Bruno Henrique da Costa Toledo
Erwin Becker Marques

Localização Geográfica dos Quilombolas do Morro do Boi - Município de Itapema/SC



Legendas:

- Altitude (em metros)
- BR-101
- Rua Almiro Leodoro (antigo Caminho do Boi)
- Estrada Estadual Antiga
- Túnel da BR-101 sob o Morro do Boi
- Curso D'Água
- Roças Antigas
- Antigo Cafezal e Bananal
- Cachoeira
- Campo de Futebol
- Casa Quilombola
- Casa danificada pela construção do túnel
- Casa não quilombola
- Desvio do Rio
- Escada que desce até a BR-101
- Floresta do Morro
- Palmito
- Parada de ônibus
- Pedreira
- Torre



Escala: 1:5.000

Projeção Mercator Transversa, Sistema UTM
Sistema Geodésico de Referência SAD-69
Fuso 22 S, Meridiano Central 51°

Base Cartográfica:

IBGE (2002, Base Municipal Digital)
IBGE (1983, Camboriu - Folha SG.22-Z-D-III-1).
EPAGRI/CIRAM (2010, Base Municipal Digital).
Imagem Google Earth®, de 11 de agosto de 2009.
Dados obtidos em campo pela equipe de pesquisa.

aqui onde tá a casa da Eliete. Aqui ó onde começa o rio aqui, que é o tempo dela limpar, passar lá no campo eles cortaram aqui! Caía onde que ela passa aqui na frente aqui. Ela vinha aqui ó! Ela cortava aqui o campo da BR pra cá. Porque aí era o antigo curso do rio e como eles passaram a BR aí nos fundos da casa pra passar aqui na frente, que é onde fica a escadinha..."

Sr. Altair Almiro Leodoro

"Aqui começa o túnel bem dizer começa dentro do nosso terreno, passa por dentro do nosso terreno! Que essa parte que era aqui por debaixo da terra, aqui onde era o cafezal ficou uma parada, para poder por as pedras pra baixo! Foi dinamitando e jogando ela pra baixo.....! Aqui é a casa da mãe o rio passa aqui atrás! Aí ele vai cortando o terreno de todo mundo! Aí mais ou menos aqui faz uma divisão! Aqui o túnel passa aqui no lado da casa aqui no pé da parabólica. Tem o rio tem uma cachoeira! Ele vai até em cachoeira em Camboriú aí ele deságua no mar! Aí debaixo é tudo no degrau! Tem que ter essa escadinha aqui, lá de baixo é tudo degrau no caso! Ele passa por debaixo da minha casa. Com o túnel tivemos as casas rachadas." **Sra. Eliete Leodoro**

"Quando começaram a exploração de dinamite, rachou a casa. Eu estava grávida de Sayonara que hoje está com 11 anos e eu acordava todos os dias entre 4h e 4h30 com o barulho das explosões. Dizem que a gente não pode ter mais a indenização, pois já passou o prazo. Mas nós estamos vivendo em uma área de risco, pois nossas casas ficaram sobre o túnel. As águas do Morro do Boi infiltram e escorrem dentro do túnel." **Sra. Sueli Marlete Leodoro**

"Aqui em cima se plantava alguma coisa, e ainda meu cunhado planta... há criação, a mandioca pra comida. Agora é só o marido da Eliete que planta negócio de aipim, no caso, só, pra ele em casa, milho pra dar pras galinhas, mas só pra ele em casa. Alguma área de criação de animais! Nós aqui só pra casa! Negócio de galinha! Antigamente tinha mais, mas agora depois, menos coisa." **Sra. Margarida Jorge Leodoro**

Indenizações pelos danos provocados nas casas com a abertura do Túnel Morro do Boi

"Indenizado aqui não foi ninguém! Lá em baixo! O senhor Agenor Aires de Almeida, conseguiu ser indenizado, porque o terreno dele cortou né! Aí ele entrou com advogado e conseguiu ser indenizado! Eu tive lá 15 anos atrás! A engenheira, a doutora Olga, Elga ou Elsa! Ela pegou disse que a gente tinha que fazer o inventário primeiro pra poder entrar com o processo e depois que o inventário tiver pronto nós entrar com o processo pra poder dar entrada na indenização! Viemos pra casa, ninguém se mexerem. Meu tio era vivo ainda, minha tia era viva, a outra minha tia era viva e essa do Rio de Janeiro não se mexeu; foi indo ficou assim! A gente só recebeu porque trincou a nossa casa! Só que recebeu primeiro a família lá da frente à família do Adilson; foi a primeira família lá da ponte!"

"Aí o papo que eu ouvi é que quando chegou lá em baixo a reunião foi lá em Nova Esperança. Eles perguntaram se não tinha mais nenhuma casa estourada aqui em cima no morro; Eles pegou disse que não tinha mais ninguém! A irmã dele não recebeu, há o outro irmão dele não receberam que teve a casa estourada toda. Não receberam, ele disse que não tinha mais casa nenhuma afetada pelo túnel! Ele e o filho dele lá receberam a indenização! Ele disse que nós não sabia da reunião! E.. aqui no caso foi só nós... foi a mãe a minha irmã a Eliete e a Sueli, que rachou a casa e não receberam!"

"A nossa casa foi afetada, da Sueli, a casa da Ivete foi afetada; as duas casa da irmã dele foi afetada e ele simplesmente lá no pessoal, lá em baixo na reunião disse que não tinha atingido elas! Quando nós fomos saber dessa reunião, já tinha passado ninguém sabia de nada! Porque a empresa fez uma reunião lá em baixo, na Nova Esperança, ali onde é a casa do Vico, pra saber qual era as casas que tinham sido atingidas, mas só que nós não sabia dessa reunião! Porque



A Sra. Sueli Marlete Leodoro e Sr. Altair Almiro Leodoro elaboram o croqui detalhando cafezais destruídos com a construção da BR-101



Sra. Gervásia Mateus da Penha Candido, sobrinha de Sra. Margarida Jorge Leodoro e Vice-presidente da Associação Quilombola do Morro do Boi. A sua casa fica à entrada, margem direita da rua Almiro Leodoro. Ela realiza curas e tratamentos espirituais em um box do mercado de Camboriú

nós trabalhava na pedra, eu e outro meu irmão. Aí lá em baixo eles perguntaram pra ele; vem cá lá em cima do morro não tem mais casa nenhuma que tenha sido atingida! Simplesmente ele disse: 'Não só eu e a do meu filho!' Enquanto da cunhada dele, da irmã dele não foi indenizada porque ele disse que não que tinha sido atingida! Ficamos sem receber e ele lá recebeu, e o filho dele recebeu!" **Sr. Altair Almiro Leodoro**

"Aí vieram aqui, um promotor, deu uma olhada, eu mostrei como é que tinha rachado mostrei como é que ficou! Aí disse: 'Nós vamos ver isso aí!' E não sei como é que ficou isso até agora!

Chegava de noite a gente tava dormindo se acordava assustado com o barulho porque eles deixavam pra dar fogo meia noite, 2, 3 horas da manhã!" **Sra. Margarida Jorge Leodoro**

Tensões pelas terras de herança e o "inventário"

"Há uns 15 anos atrás a gente tinha direito de fazer um inventário da avó que já tinha morrido! Aí meus tios começaram a enrolar, enrolar, não deram inventário e não foram atrás disso! Nossa parte aqui em cima, o terreno nosso era essa parte toda era essa parte aqui! Era essa parte aqui e essa parte aqui! Os dois só. A BR cortou e essa parte aqui é essa parte aqui e essa parte aqui onde era o capinzeiro, que é pelo lado de baixo da BR!

Onde era o capinzeiro, que a BR acabou com o capinzeiro. E aqui pra cima fizeram nossa casa, pra cima da BR, pra cima daqui pra traz. Era mata, que era palmito, a roça onde era as pedreiras." **Sr. Altair Almiro Leodoro**

"Parte do grupo não compartilha o projeto da titulação. Eu tenho sobrinhas que vivem acima mais acima de minha e eles não concordam, pois eles desejam vender a terra.

Nós temos que dividir a herança. Existem dois inventários e seis herdeiros e temos que dividir a 'herança', até com uma herdeira que mora no Rio de Janeiro." **Sra. Margarida Jorge Leodoro**

"Duas outras situações que interferem nas nossas vidas: O prefeito declarou que é área urbana, Bairro Nova Esperança e pagamos IPTU; a decretação da Área de Proteção Permanente da

Costa Brava, mas, na parte de cima do Morro do Boi estão cortando a pedra. Esta pedreira foi embargada. E as pessoas que compraram neste setor também estão retirando madeira e derrubando. Os que são contra essas ações têm tentado coagir sem sucesso." **Sra. Sueli Marlete Leodoro**

"A extensão de terras de herança da família Leodoro é 298 x 1.200 metros!" **Sr. Altair Almiro Leodoro**

Retomada das tradições

As tradições são retomadas com a fabricação das Abayomis, bonecas de pano cuja confecção reúne crianças, adolescentes e adultos. Este trabalho iniciou em 2005. Esse artesanato tem sido exposto e vendido em todas as reuniões nas quais participam.

O que mudou em Morro do Boi?

“Agora estamos mais conhecidos. Aqui vivem oito famílias, todos somos parentes. Antigamente íamos no Balneário e as pessoas de lá falavam: ‘Ele é da rua dos negros’. Meu primo ia casar e colocou aviso no rádio. Pela rádio disseram que era na rua dos negros, como todo mundo falava. Esse meu primo ficou muito chateado. E falou que iria colocar um nome na rua. Colocaram o nome do meu pai: rua Almiro Leodoro. Antes vivíamos muito abandonados.” Sr. Altair Almiro Leodoro

“Agora há reunião da Associação, vendas das Abayomis. Mas veja: com o túnel, mudou nossa vida. Não para mais ônibus e o único que vem até aqui demora duas horas, cada duas horas. Antes de passar o túnel pegava ônibus facilmente, depois do túnel ficou difícil sair e chegar aqui. Agora nós estamos acima do túnel, porque esse passa aqui debaixo.”

Aqui, antes, tinha 4 engenho de farinha e um de cachaça. O pessoal era muito unido. Nós fazíamos biju. Agora nós não trabalha na roça. Antes o alimento era cuscus, curuja (rosca de milho). Antes, aqui era muito alegre a gente gostava dançar o semba. (...) Antes, a gente fazia curujá; convidamos aos outros para fazer curujá, mas a gente não sabe porque foi dado esse nome.” Sra. Margarida Jorge Leodoro

Camboriú, sim, tem negros

“Nós todos estávamos todos cansados, toda a comunidade, de ouvir falar: ‘vamos lá na rua dos negros’. E agora com a Associação, tem reconhecimento. Apesar de que há pessoas que os negam, como o vereador que afirmou que em Camboriú não tinha negro. Camboriú, sim, tem negros.

Outra mudança não foi boa, pois a minha prima vendeu o terreno e os brancos fizeram uma casa.” Sr. Altair Almiro Leodoro

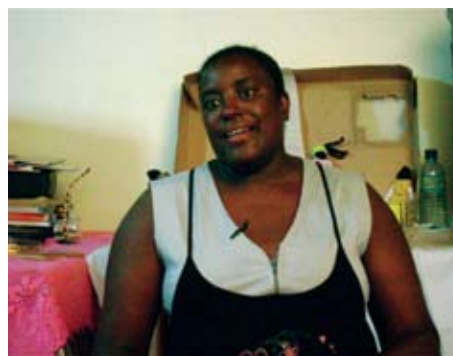
Formação da Associação Quilombola Morro do Boi

“O trabalho aqui foi iniciado com a professora Dalva² e com a colaboração que deu Ana Elisa Ribeiro de Souza Schlickmann. Foi a partir da Associação que aprendemos a ser quilombola. Antes, sequer ouvíamos falar, os mais velhos não queriam fala. Soube por que ouviu que os escravos saiam da Tijuca, fugiam para vir namorar. Também para as festas de Camboriú, para dançar o rufo.” Sra. Sueli Marlete Leodoro

Tensões internas e pressões externas sobre o território

“Aqueles que não desejam ter a titulação coletiva nem entraram na Associação e eles dizem que o governo é que vai ser dono da terra e se a gente planta uma hortaliça tem que dar meta-

2 Dalva Marisa Ribas Brum, professora de Antropologia Jurídica da UNIVALI e da UFSC. Nessa fase intensificou os contatos Ana Elisa Ribeiro de Souza Schlickmann e com o professor de História José Bento Rosa da Silva.



Sra. Sueli Marlete Leodoro,
presidente da Associação
Quilombola do Morro do Boi

de para o governo, que assim disseram para ele em Balneário. Outros dizem: Eu sou preto, mas não quero ser quilombola. Outro, quer vender seu pedaço, eu poderei vender por oitocentos mil reais pra alguém de Balneário.

Segunda-feira eu cheguei de Florianópolis, ele teve aqui falando, que é sobre lá no Balneário. Aí veio aqui a pergunta é como e que é a quarta sobra é a nossa parte? Aí ele pegou e me disse que a parte dele, que a parte dele não é pra colocar pra vender, que ele não quer! Não é pra colocar a parte deles que eles não querem!

É eu já tenho ele não vim na reunião porque ele não quer! Mas é realmente o total do nosso terreno que no caso são 50m de largura com 1200 de comprimento, que é daquele de pau grosso dali que começa a cerca aqui!” Sr. Altair Almiro Leodoro



Michelle desenha o mapa das
crianças e, logo, faria o desenho
da Abayomi

“Hoje, todos temos reconhecimento e é isso que eu quero passar para as crianças: quem nos somos. Isso é importante para as crianças, para o futuro” Sra. Sueli Marlete Leodoro

Reivindicações

“Nós queremos, se tiverem condição, pegar a terra titulada. Titulada na seguinte informação: se não for pra gente perder o terreno! Eu já tô vendo porque tem gente que tá falando que se a gente for titulado como quilombo, isso passa pro governo! Segunda-feira já teve um lá da frente, até por causa disso, muita gente não quer!

É porque vamos ter que dar o inventário pra cada um poder ficar com a sua parte. Pelo certo, esses terrenos tudo englobado num só, somos seis herdeiros; o terreno é praticamente do meu avô; não foi dado um inventário pra dizer: olha isso é teu! O documento pra passar de documento passado na prefeitura pra pagar o IPTU o prefeito passou pra IPTU, porque isso aqui antes era rural e depois o governo, o prefeito, passou pra IPTU!

Mas o medo nosso é esse: vamos que entramos nisso aí e depois é do governo! Esse é o medo! Esse que é o maior medo deles colega, e esse de não querer entrar por causa disso! Desde que nós começamos com essa Associação, o irmão do Acácio foi um que queria botar ele na cadeia por causa disso!” Sr. Altair Almiro Leodoro

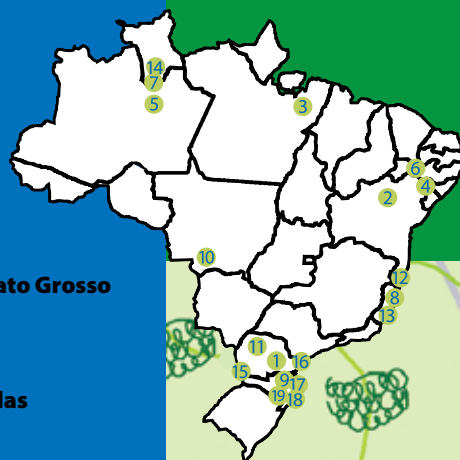
“Por causa que, ele dizia pro Terêncio que o terreno depois de ser montado o quilombo que nós perdia! Então o doutor Marcelo teve aqui! Aí o cunhado da Sueli veio aqui que mora aqui na frente e o marido da Eunice, ele veio aqui e se informou! Aí o doutor Marcelo pegou e falou: ‘Depois que vocês passam a fazer parte do quilombo não pode mais vender terreno’, mas aí ele falou que não pode mais vender o terreno!” Sra. Sueli Marlete Leodoro

“Muitos não querem por causa disso, que nem esses aqui, não querem e nem esses aqui porque a idéia deles é vender pra especulação imobiliária eles não querem!

Eles estão com projeto e eles estão aí em cima porque eles estão desmatando aí pra trás! Eles até deixaram o telefone pra gente ligar pra eles se a gente ver alguém desmatando, pra ligar pra eles que aí eles já vem com a polícia tudo!” Sr. Altair Almiro Leodoro

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

- 1 Povos dos Faxinais – Paraná
- 2 Fundos de Pasto *Nosso Jeito de Viver no Sertão* Lago do Sobradinho, Bahia
- 3 Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará
- 4 Comunidades dos Pescadores e Pescadoras Artesanais *Mostrando sua Cara, Vez e Voz*, Submédio e Baixo São Francisco
- 5 Ribeirinhos e Quilombolas, Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 6 Quilombolas de Conceição das Crioulas Pernambuco
- 7 Ribeirinhos e Artesãos de Itaquera, Gaspar, Barreira Branca e São Pedro Rio Jauaperi, Roraima e Amazonas
- 8 Quilombolas de Linharinho Espírito Santo
- 9 Cipozeiros de Garuva Floresta Atlântica, Santa Catarina
- 10 Povoado Pantaneiro de Joselândia, Mato Grosso
- 11 Comunidade Quilombola Invernada Paíol de Telha Fundão – Paraná
- 12 Comunidade de Pescadores de Caravelas Sul da Bahia
- 13 Expressões culturais e ofícios tradicionais em Goiabeiras Velha – Vitória, Espírito Santo
- 14 Ribeirinhos e Artesãos de Sumaúma e Xixuaú – Rio Jauaperi, Roraima e Amazonas
- 15 Ilhéus do Rio Paraná – atingidos pelo Parque Nacional da Ilha Grande e APA Federal, Paraná
- 16 Pescadores a Vila de Superagui – Guaraqueçaba Paraná
- 17 Movimento em defesa da Costa da Lagoa: pescadores e pescadoras artesanais – referências culturais da Costa da Lagoa – Florianópolis, Santa Catarina
- 18 Capoeira da Ilha – Florianópolis, Santa Catarina
- 19 Quilombolas do Morro do Boi – Santa Catarina



REALIZAÇÃO

Associação Quilombola do Morro do Boi

APOIO

